

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

MAURO RICARDO OLIVEIRA ALVES DA LUZ

**ARBITRAGEM NO FUTEBOL: NÍVEL DE AUTOESTIMA DOS ÁRBITROS E
ÁRBITROS ASSISTENTES**

Florianópolis

2016.

MAURO RICARDO OLIVEIRA ALVES DA LUZ

**ARBITRAGEM NO FUTEBOL: NÍVEL DE AUTOESTIMA DOS ÁRBITROS E
ÁRBITROS ASSISTENTES**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à disciplina de Conclusão de
Curso II como requisito parcial para a
obtenção do grau de Licenciatura em
Educação Física.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Nivia Marcia
Velho

Coorientadora: Prof^ª. Camila Dalprá
Machado Ritter

Florianópolis

2016.

MAURO RICARDO OLIVEIRA ALVES DA LUZ

**ARBITRAGEM NO FUTEBOL: NÍVEL DE AUTOESTIMA DOS ÁRBITROS E
ÁRBITROS ASSISTENTES**

Monografia aprovada como requisito a obtenção do título de Licenciatura em Educação Física. Departamento de Educação Física, Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina.

BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Dr.ª Nivia Marcia Velho

Orientadora – CDS/UFSC

Prof.ª Camila Dalprá Machado Ritter

Coorientadora – CDS/UFSC

Prof. Me. Ricardo Lucas Pacheco

CDS/UFSC

Prof. Dr. Jolmerson de Carvalho

CDS/UFSC

Prof. Dr. Valmir José Oléias (Suplente)

CDS/UFSC

AGRADECIMENTOS

Gostaria de começar agradecendo primeiro a Deus, pai de todos. Por ter me concedido saúde, força e oportunidades para superar as dificuldades. A Universidade Federal de Santa Catarina, ao Centro de Desportos, seu corpo docente, direção e administração por hoje me oportunizar a formação de nível superior. A minha orientadora a Prof^a Dr^a Nivia Marcia Velho por ter disposição e muita paciência em me orientar nesta monografia, uma grande amiga. Agradecer a Prof^a Camila Dalprá Machado Ritter uma excepcional professora e co-orientadora me auxiliou de forma muito positiva nesses últimos dias que antecederam a apresentação desta monografia. Aos meus pais, pelo amor incondicional e por sempre acreditarem em mim, fazendo com que eu nunca perdesse o foco nos meus objetivos. Enfim, agradecer de coração a todos os meus amigos (as) que fizeram parte direta ou indiretamente desse processo de formação na minha vida, o meu muito obrigado.

“O impossível é apenas uma grande palavra usada por gente fraca, que prefere viver no mundo como ele está, em vez de usar o poder que tem para mudá-lo, melhorá-lo. Impossível não é um fato. É uma opinião. Impossível não é uma declaração. É um desafio. Impossível é hipotético. Impossível é temporário. O impossível não existe”.

Muhammad Ali

RESUMO

A arbitragem é o elemento fundamental para o bom desenvolvimento de qualquer modalidade esportiva. O objetivo deste estudo é apresentar uma análise da autoestima dos árbitros e árbitros assistentes de futebol que compõem o quadro da LIFF no ano de 2016. Trata-se de uma pesquisa descritiva do tipo exploratória, diagnóstica de campo. A amostra foi constituída por 21 sujeitos, sendo eles árbitros e árbitros assistentes da LIFF, todos em ativa atuação pela liga. O instrumento utilizado para a coleta de dados foi a escala de autoconhecimento, desenvolvida por Rosenberg (1973), esta escala compreende 10 questões distribuídas em 6 itens combinados. Para análise dos dados foi utilizado o programa estatístico Excel. Os resultados demonstraram que os árbitros e os árbitros assistentes não diferiram estatisticamente em relação ao grau de autoestima. É possível observar que tanto árbitros como árbitros assistentes possuem autoestima em grau excelente, seguido de grau alto. Uma autoestima excelente ou alta é uma condição básica e imprescindível para a uma boa atuação da equipe de arbitragem.

Palavras-chave: Futebol, Árbitro, Árbitro Assistente, Autoestima.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Grau genérico de autoestima.....	25
FIGURA 2 – Grau genérico de autoestima de árbitros assistentes e árbitros.....	26

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Classificação do grau numérico com graus genéricos de autoestima.....	22
TABELA 2 – Características dos árbitros.....	23
TABELA 3 – Características dos árbitros assistentes	24
TABELA 4 – Tabulação numérica de autoestima.....	25
TABELA 5 – Relação do tempo de prática com o grau de estima.....	27
TABELA 6 – Relação da profissão com o grau de estima.....	27

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
1.1	PROBLEMA	13
1.2	OBJETIVOS	13
1.2.1	<i>Objetivo Geral.....</i>	<i>13</i>
1.2.2	<i>Objetivos Específicos.....</i>	<i>13</i>
1.3	JUSTIFICATIVA.....	13
2	REVISÃO DE LITERATURA.....	15
2.1	O FENÔMENO FUTEBOL	15
2.2	ÁRBITRO	16
2.3	ÁRBITRO ASSISTENTE	17
2.4	AUTOESTIMA E AUTO ESTMA DE ÁRBITROS.....	18
3	MÉTODO	20
3.1	CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO	20
3.2	POPULAÇÃO DO ESTUDO	20
3.3	COLETA DAS INFORMAÇÕES	20
3.4	ANÁLISE DOS DADOS	21
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	23
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
	REFERÊNCIAS.....	30
	ANEXO A –ESCALA DE AUTOESTIMA DE ROSEMBERG	32
	ANEXO B – TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	33
	ANEXO C – ANÁLISE DO INSTRUMENTO (ESCALA DE AUTOESTIMA).....	34

1 INTRODUÇÃO

O futebol chegou ao Brasil em 1894, através de Charles Miller, que estudou na Inglaterra, onde aprendeu a dominar as técnicas futebolísticas. Ao retornar para o Brasil, trouxe uma bola e um jogo de uniformes. Charles Miller introduziu o futebol no São Paulo Athletic Club, clube de cricket do qual era sócio. No futebol a autoridade que estabelece as regras do jogo é a International Football Association Board (IFAB). A Fédération Internationale de Football Association (FIFA) é a instituição internacional máxima que dirige as associações de futsal, futebol de areia e o futebol de campo. No Brasil a entidade máxima que rege as competições nacionais é a Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Nos estados e agora abrindo um parêntese para Santa Catarina a entidade máxima que rege as competições estaduais é a Federação Catarinense de Futebol (FCF). As ligas amadoras que existem no estado de Santa Catarina são entidades ligadas a FCF na qual todo árbitro ou árbitro assistente precisa estar filiado.

A International Football Association Board-IFAB, é composta por dois representantes de cada uma das quatro federações de futebol do Reino Unido, Inglaterra, Escócia, País de Gales e Irlanda. A IFAB se reuniu pela primeira vez no dia 2 de junho de 1886 por sugestão da federação inglesa. Em uma época em que o esporte bretão não era praticado da mesma maneira em todos os países, o órgão foi instituído a fim de elaborar e proteger as regras fundamentais do futebol. O objetivo da IFAB é preservar as regras de jogo, supervisionar sua aplicação, estudá-las e, eventualmente, modificá-las.

A Fédération Internationale de Football Association - FIFA foi fundada em Paris em 21 de maio de 1904 e tem sua sede em Zurique, na Suíça. A FIFA possui quatro idiomas: Alemão, Espanhol, Francês e Inglês. E ao todo possui 209 países e/ou territórios associados, sendo a segunda maior instituição internacional com número de associados. Ficando apenas atrás da Associação Internacional de Federações de Atletismo (IAAF) com 212 membros.

A confederação Brasileira de Futebol - CBF surgiu no dia 20 de agosto de 1914, como Confederação Brasileira de Desportos, através das entidades cariocas e paulistas da época que comandavam o esporte, Liga Paulistana de Futebol – LPF, Liga Metropolitana de Esportes Atléticos – LMEA e Associação Paulista de Esportes Atléticos – APEA, que resolveram suspender as atividades da Federação Brasileira

de Futebol – FBF e da Federação Brasileira de Esportes – FBE para unificar as decisões na Confederação Brasileira de Desporto – CBD.

Fundada em 12 de abril de 1924 com o nome de Liga Santa Catharina de Desportos Terrestres, a história da regulamentação do futebol em Santa Catarina começou na Rua Esteves Júnior, no centro da capital, no Gymnasio Catharinense, atual Colégio Catarinense, berço da educação e da prática desportiva, onde se reuniram os representantes do Atlético Florianópolis, Figueirense, Internato, Trabalhista e Avahy, para registrar a ata de fundação da atual, Federação Catarinense de Futebol.

A Liga Florianopolitana de Futebol fundada em 20 de junho de 1996, filiada à Federação Catarinense de Futebol. Reconhecida pela Confederação Brasileira de Futebol declarada de utilidade pública. Tem como seu presidente atual o Sr. Manoel de Paula Machado, presidido pelo vice Sr. Nelcy Jesus da Costa. A LIFF situa-se na Rua João Motta Espezim, 783 CSU – Saco dos Limões – Florianópolis.

No Brasil sempre foi difícil dirigir uma partida de futebol. Os problemas enfrentados pelos árbitros antes de iniciar uma partida são dos mais variados possíveis, podendo-se destacar a precária infraestrutura do futebol, a desonestidade de alguns dirigentes, falta de conhecimento das regras por atletas, técnicos e treinadores e o próprio despreparo de alguns árbitros (Barros, 1990). Não há competição desportiva oficial que dispense uma equipe de arbitragem. É ela que faz respeitar as regras do jogo, é ela que oficializa os resultados. Colocados acima dos competidores, os árbitros apresentam-se sozinhos perante todos os outros intervenientes do ato desportivo e são frequentes alvos do fogo cruzado de críticas, denúncias, vexames e até agressões físicas que não dignificam a prática desportiva. (Lima 1982, p. 1).

Quando as pessoas vão assistir a um jogo de futebol, elas não imaginam o que é ser árbitro e nem o que ele representa, os seus conhecimentos, as pressões e o clima que o cerca.

O árbitro de futebol é, em primeiro lugar, um sujeito que pode se tornar oprimido por um sistema esportivo que atua de forma tremendamente injusta com o mesmo.

Para Nunes (2002), a intervenção do árbitro é vista e sentida, tornando-se alvo direto de protestos, correndo o risco de ser agredido pelos que o cercam no jogo, e sair de campo escoltado pela polícia. Tais situações ocorrem principalmente

em virtude de problemas educacionais, sociais, econômicos e culturais, vividos pelas pessoas ali presentes, além, é claro, da influência exercida pela mídia.

Na era da informática aplicada à televisão (Replay, Câmera Lenta, Tira Teima, slow motion, entre outros recursos), quando as distâncias se encurtam, em que o futebol é mostrado com detalhes, com ângulos dos lances, jogadas, repetições, os agentes da TV têm a seu dispor várias câmaras, portanto, vários "olhares eletrônicos" e múltiplas formas e ângulos para "ver" a mesma coisa que o árbitro, os jogadores e o público. Fica evidente que estes agentes são favorecidos em seu "olhar" o jogo, o que deveria, então, implicar num auxílio para quem tem a responsabilidade de quem precisa olhar o jogo para conduzi-lo de acordo com as leis do jogo: o árbitro da partida. Nem sempre isto ocorre. Na maioria das vezes o "olhar eletrônico" e sua interpretação pelos agentes da televisão são usadas para questionar o árbitro quanto a sua lealdade às leis do jogo, insinuando com isto favorecimento a alguma equipe na disputa. São estas situações, especialmente, que dificultam e tornam complexa a atuação do árbitro de futebol.

É importante lembrar que o árbitro tem somente uma fração de segundo para ver, interpretar, raciocinar, analisar e emitir o sinal da sua decisão, sem poder rever a ação, e se um destes pontos passar despercebido, o seu julgamento poderá ser impreciso.

Vale lembrar que numa disputa esportiva, está também no jogo: o profissional (jogador) e o amador (árbitro). O árbitro não tem vínculo empregatício de ordem esportiva, nesta função, portanto torna-se elemento fundamental para sua arbitragem, que lhe seja assegurado pelos órgãos gestores do futebol (FIFA, CBF, FCF, LIFF.), condições para que ele possa se preparar adequada e competentemente para exercer a sua função no jogo.

Quanto à autoestima, pode-se defini-la como a capacidade de pensar, capacidade de enfrentar e transpor desafios. O nível de autoestima dos árbitros pode gerar influências nas ações e os resultados dessas ações interferem por sua vez no nível de autoestima dos mesmos (BRANDEN, 2000). Ainda de acordo como Sabbi (1999) a autoestima boa é visualizada em uma atitude física relaxada, com adequada postura, fatores intrínsecos com o amor próprio, autoaceitação e autoconfiança. Em suma, uma arbitragem eficiente depende, em grande parte, de uma boa autoestima dos profissionais envolvidos neste processo.

1.1 PROBLEMA

A arbitragem é o elemento fundamental para o bom desenvolvimento de qualquer modalidade esportiva. E para que ela aconteça de forma apropriada faz-se necessário que este profissional tenha competências técnicas, físicas, psicológicas e sociais. Dentro das competências psicológicas percebe-se a autoestima como um fator relevante para o bom desempenho deste profissional.

Com base no exposto, o presente estudo se propõe a entender o nível de autoestima dos árbitros e árbitros assistentes de futebol da LIFF.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

- Identificar o grau de autoestima nos árbitros e árbitros assistentes de futebol.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Verificar possível associação entre a autoestima e o tempo de prática de arbitragem.
- Verificar profissões dos árbitros e árbitros assistentes.

1.3 JUSTIFICATIVA

A vivência do pesquisador com a temática futebol ocasiona prazer e entusiasmo para o desenvolvimento de pesquisas sobre o assunto, entendendo que através de pesquisas o esporte pode se desenvolver. Experiências com o futebol na infância, adolescência, em competições como atleta e em competições como árbitro forneceram subsídios para a escolha do tema.

Entendendo a autoestima como um fator relevante para o desempenho dessa função, pois esta interfere diretamente nas ações do árbitro, e sendo a profissão arbitragem não regulamentada no Brasil, se faz necessário fazer um prognóstico da autoestima dos árbitros, a fim de compreender como este “profissional” se apresenta para o exercício da função, ou seja, como está o processo de estruturação dessa

figura tão importante. E o foco desse estudo são os árbitros e árbitros assistentes que compõem o quadro da Liga Florianopolitana de Futebol no ano de 2016.

Outro fator preponderante para a realização deste estudo é a pouca produção sobre a temática, quase que inexistente referente a esse assunto. Atualmente encontrasse uma escassa produção na escrita, porém em contrapartida, muitas discussões veiculadas na mídia sobre o árbitro e sua arbitragem.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 O FENÔMENO FUTEBOL

Morris (1981) afirma que existem tribos de futebol em todos os cantos do globo, fazendo desse jogo o mais cativante e vitorioso de todos os tempos. É jogado por mais pessoas e visto por mais gente que do que qualquer outro desporto na história da humanidade. É o maior fenômeno esportivo e de massas do século vinte e sua devastadora popularidade não mostra o menor sinal de declínio. Se em alguns países há menos espectadores nos jogos de futebol que antes, isso deve-se ao fato de verem mais pela televisão, na qual o jogo de futebol continua a exercer a mesma obsessão. E alguns países, como Estados Unidos, China e Japão, registram uma popularidade crescente.

Morris (1981) afirma que todo o jogo de futebol é um ritual, um acontecimento social dramático que contém significados simbólicos e que cada clube de futebol é uma tribo, um território tribal com todos seus elementos simbolizados ali. É uma ritualização de certos valores, nesse jogo, que o torna popular nas sociedades modernas.

Para ele, o futebol representa uma caçada ritualizada. Mesmo que vivamos numa sociedade moderna, dominada cada vez mais pela tecnologia e que oferece mais e mais conforto, o homem mantém gravado no seu interior os rituais da caçada que precisou desenvolver para sobreviver durante milhões de anos: habilidades físicas para correr, lutar e empunhar uma arma, capacidade de concentração para perseguir a presa, busca de cooperação para caçar melhor, etc.. O futebol, nas sociedades modernas, preenche como nenhum outro esporte ou atividade social, através de sua ritualização, a necessidade de substituir as atividades de caça que sofreram um declínio com a criação das sociedades modernas.

Nessas sociedades, o futebol simboliza uma caçada ou uma guerra entre tribos, onde “o gol é a morte simbólica da presa ou o símbolo da conquista de uma batalha verdadeira”, compara Morris (1981).

O que atrai no futebol das sociedades modernas é que ele envolve energia física, planejamento, estratégias, táticas. Assim quando vamos a um estádio, estamos vendo versões de combates primitivos.

Outro fator que o torna popular é a sua capacidade de mobilização social. Quando uma equipe local ganha há uma importante melhora psicológica em toda a comunidade local. “Como há sempre uma forte identificação da equipe de futebol com a comunidade local, uma vitória no estádio equivale a uma vitória na cidade ou país” (LEVINE, 1982). O futebol é muito mais que um esporte, ou mesmo um modo de vida: é uma metáfora da nova ordem mundial, com toda a sua complexidade. Os clubes de futebol espelham classes sociais e ideologias políticas, e frequentemente inspiram uma devoção mais intensa que as religiões. É um esporte com interesses reais – capaz de arruinar regimes políticos e deflagrar movimentos de libertação (Franklin Foer, 2004).

O futebol-arte é a forma como é conhecido e reconhecido mundialmente o futebol culturalmente jogado pelos brasileiros, é também esta forma de jogar que proporciona aos brasileiros não só a hegemonia nas competições deste esporte a nível mundial, como também o reconhecimento e o rótulo de praticantes inigualáveis da arte de jogá-lo, pela alegria, leveza, criatividade, capacidade de improvisar, ginga, malandragem, beleza estética, seus dribles. Em, pela eficiência com que este esporte é jogado entre nós, brasileiro.

2.2 ÁRBITRO

O árbitro tem autoridade total numa partida, para fazer cumprir as regras do jogo. As decisões do árbitro sobre os fatos relacionados ao jogo, incluindo o fato de um gol ter sido marcado ou não e o resultado da partida, são definitivas.

Há dois erros que um árbitro pode cometer durante um jogo, um deles é o Erro de Direito que é um erro por desconhecimento das regras do jogo. O outro é o Erro de Fato que é um erro por má interpretação das regras do jogo.

Controlará a partida em cooperação com os árbitros assistentes e, quando possível, com o quarto árbitro.

Assegurará que as bolas utilizadas no jogo atendam todas as exigências.

Assegurará que os equipamentos dos jogadores atendam todas as exigências.

Atuará como cronometrista e tomará nota dos incidentes da partida.

Paralisará, suspenderá ou encerrará a partida, a seu critério, em caso de infração às regras do jogo.

Paralisará, suspenderá ou encerrará a partida por qualquer tipo de interferência externa.

Tomará medidas contra os funcionários oficiais das equipes que não se comportarem de maneira correta e poderá, a seu critério, expulsá-los do campo de jogo e de seus arredores.

Não permitirá que pessoas não autorizadas entrem no campo de jogo.

Remeterá às autoridades competentes um relatório da partida, com informação sobre todas as medidas disciplinares tomadas contra jogadores e/ou funcionários oficiais das equipes e sobre qualquer outro incidente que tiver ocorrido antes, durante e depois da partida.

“Temeroso ao apitar um jogo do campeonato de Santa Catarina entre o Chapecoense e o Avaí, em 1975, o árbitro Alvir Renzi declarou que só entraria em campo se fossem distribuídas rosas. O romântico juiz foi recebido por jogadores com buquês vermelhos”. (Emedê, 2003, p. 16).

2.3 ÁRBITRO ASSISTENTE

O árbitro assistente, também conhecido vulgarmente como “bandeirinha” se locomove em uma das laterais do campo de futebol procurando sempre a melhor posição para marcar, entre outras infrações do futebol o impedimento.

Os árbitros assistentes devem ajudar o árbitro a dirigir a partida conforme as regras do jogo. Eles também assistem o árbitro em todas as outras tarefas envolvendo a direção da partida, a pedido e sob controle do árbitro.

Numa partida poderão ser designados dois árbitros assistentes que terão sempre submetidos à decisão do árbitro o dever de impedir.

Quando a bola sair completamente do campo de jogo.

A que equipe pertence o arremesso lateral ou se é tiro de canto ou de meta.

Quando deverá ser punido um jogador por estar em posição de impedimento.

Quando for solicitada uma substituição.

Quando ocorrer alguma infração ou outro incidente fora do campo visual do árbitro.

Quando nos tiros penais o goleiro se adiantar além da linha de meta antes de a bola ser chutada e se a bola ultrapassar a linha de meta.

2.4 AUTOESTIMA E AUTOESTIMA DE ÁRBITROS

Entende-se por autoestima um conjunto de sentimentos e pensamentos do indivíduo sobre seu próprio valor, competência e adequação, que se reflete em uma atitude positiva ou negativa em relação a si mesmo (Rosenberg, 1965). Coopersmith (1989) ressalta que o ponto fundamental da autoestima é o aspecto valorativo, o que influencia na forma como o indivíduo elege suas metas, aceita a si mesmo, valoriza o outro e projeta suas expectativas para o futuro.

A autoestima é considerada um dos principais preditores de resultados favoráveis na adolescência e na vida adulta, tendo implicações em áreas como sucesso ocupacional, relacionamentos interpessoais e desempenho acadêmico (Trzesniewski, Donnellan & Robins, 2003).

Segundo autores, Branden (2000), Sabbi (1999), Franciscon (1999), Ramos (1998) e Voli (1998). Há uma série de indícios físicos, emocionais e psicológicos que retratam se a pessoa tem uma autoestima saudável ou boa, como por exemplo: atitude física relaxada; auto-aceitação; segurança; autoconfiança e capacidade de confiar nos outros; determinação em saber o que quer, entre outros.

A autoestima saudável correlaciona-se com a racionalidade, realismo, intuição, criatividade, independência, flexibilidade, habilidade para lidar com mudanças, disponibilidade para admitir (e corrigir) erros, benevolência e cooperação. A autoestima baixa correlaciona-se com irracionalidade, cegueira diante da realidade, rigidez, medo do novo e não-familiar, conformismo ou rebeldia impróprios, postura defensiva, comportamento por demais submisso ou supercontrolador e medo dos outros ou hostilidade em relação a eles. (Branden, 2000, p. 24).

Autoestima é o conjunto de crenças que temos e aceitamos como verdade em relação a nós mesmos, nossa capacidade e o que podemos fazer. Inclui a confiança para pensarmos e enfrentarmos os desafios da vida, nossa vontade de crescer e sermos felizes, a integridade pessoal, a sensação de sermos merecedores, dignos, qualificados para expressarmos nossas necessidades e desejos e desfrutarmos os resultados de nossos esforços [...]. (Sabbi, 1999, p. 141).

Segundo Montiel (1998), há quatro elementos fundamentais para se destacar uma boa imagem sobre o árbitro: seriedade, honestidade, respeitosa autoridade e imparcialidade. Para ele o árbitro não pode querer ser o centro das atenções, pois os artistas, os protagonistas são os jogadores.

Uma inoportuna 'piada' nos corredores dos banheiros, a ingênua cedência aos microfones de qualquer jornalista [...], a incorreção da linguagem em momentos proibidos, entre outras (EMEDÊ, 2003)

Ainda, questões físicas interferem na autoestima do árbitro. Este necessita ter capacidades físicas desenvolvidas para o exercício da função. Atualmente os profissionais do futebol (jogadores), se encontram num nível muito alto de desempenho exigindo desenvolvimento físico cada vez mais apurado. Desta forma, para que o árbitro consiga acompanhar a partida durante todo o tempo, este necessita também seguir por essa lógica de condicionamento físico cada vez maior (VIEIRA; COSTA; AOKI, 2010). Quando o árbitro não consegue acompanhar esse desenvolvimento físico, ele tende a ter sua autoestima reduzida, tanto por questões intrínsecas cobrando a si mesmo, quanto por questões externas, onde as entidades exigem essas capacidades para permanência no quadro de árbitros e por parte de torcedores que transmitem sentimentos de negatividade e booring.

3 MÉTODO

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

Trata-se de uma pesquisa descritiva do tipo exploratória, diagnóstica de campo, cujo objetivo é entender o nível de autoestima de árbitros e árbitros assistentes de futebol.

Para Gil (2007) a pesquisa é definida como um procedimento racional e sistemático, que através de objetivos definidos procura responder os questionamentos propostos. O desenvolvimento da pesquisa perpassa por um processo constituído de várias etapas, que vão desde a formulação do problema a ser resolvido até a apresentação e discussão dos resultados.

3.2 POPULAÇÃO DO ESTUDO

O estudo foi realizado na LIFF (Liga Florianopolitana de Futebol), sendo a população do estudo árbitros e árbitros assistentes que compõem o quadro da mesma no ano de 2016, totalizando 30 sujeitos filiados a essa instituição. Destes, foram selecionados 21 sujeitos para compor a amostra. Os mesmos responderam um questionário sobre o nível de autoestima (Questionário de autoestima de Rosenberg).

3.3 COLETA DAS INFORMAÇÕES

A coleta de dados foi feita nos meses de agosto e setembro de 2016, logo após o reinício do segundo semestre letivo. Justifica-se a escolha desse período por dar continuidade à formação acadêmica do pesquisador e sendo assim seu último semestre de graduação.

O instrumento de coleta de dados foi aplicado pelo próprio pesquisador. A data, local e horário foram previamente definidos e agendados com os sujeitos da pesquisa.

Para o presente estudo, foi utilizado o instrumento de medida para o recolhimento de informações que possibilitou a medida de autoestima. A escala de autoconhecimento, desenvolvida por Rosenberg (1973), esta escala compreende 10

questões distribuídas em 6 itens combinados. Este instrumento foi validado por Rosenberg (1973) com índice de 72% e adequado por Mosquera (1974) para uma pesquisa realizada no Rio Grande do Sul, realizando um teste de fidedignidade, cujo índice foi de 78%. Segundo Rosenberg (1973) as questões estão alternadas intencionalmente no que diz respeito às respostas positivas e negativas, para que as mesmas não influenciem o examinado. Para que se possa atribuir um valor numérico para a autoestima do indivíduo, o instrumento considera as respostas positivas como sendo indicadores de autoestima baixa. Os itens do questionário apresentam-se de forma combinada e simples. O item 1, é composto de três perguntas combinadas. Para que este indivíduo some um ponto positivo para este item, é necessário que assinale duas ou três respostas positivas. Contando uma resposta positiva apenas, ou nenhuma, o examinado soma então um ponto negativo para o mesmo item.

Quanto aos itens 2 e 6, estes são compostos por duas questões cada. Para que o indivíduo obtenha um ponto positivo para algum destes itens, é necessário que o examinado assinale uma ou duas respostas positivamente, do contrário, recebe um ponto negativo para o item. Os itens 3, 4 e 5, são compostos por uma única questão. Se o indivíduo assinala uma resposta positiva, o mesmo então tem um ponto positivo para o item. Se o indivíduo assinala uma resposta negativa, tem um ponto negativo para o mesmo item. Após a pontuação dada a cada item é executada então a soma dos itens e subseqüentemente, verificado o grau de autoestima do indivíduo. Conforme o instrumento, se o resultado, ou seja, se a pontuação final for positiva, o indivíduo apresenta autoestima baixa. Quando for negativa o indivíduo apresentará autoestima alta.

3.4 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados foram analisados a partir dos resultados obtidos nos questionários aplicados com os sujeitos da pesquisa. Todos os dados foram computados no programa estatístico EXCEL e realizado as devidas interpretações. Os resultados foram adicionados junto à pesquisa, de forma que o pesquisador pudesse chegar às considerações finais, discussões e reflexões relacionadas à temática da pesquisa.

A tabela 1 apresenta a classificação criada por Nunes; Shigunov (2002) para melhor entender e classificar os resultados da autoestima dos sujeitos.

Tabela 1: Classificação do grau numérico com graus genéricos de autoestima

Grau numérico de autoestima	Grau genérico de auto estima
-6	Excelente
-5 a -4	Alta
-3 a -2	Média/Alta
-1 a 1	Média
2 a 3	Média/ Baixa
4 a 5	Baixa
6	Péssima

Fonte: Nunes; Shigunov (2002), página 59.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na tabela 2 são observados que todos os árbitros são do sexo masculino, com idades entre 27 e 56 anos, a maior parte tem o ensino superior. Suas profissões são variadas, sendo a profissão de professor exercida por mais de um sujeito. Quanto ao tempo da prática de arbitragem, percebe-se que a maioria dos árbitros realiza essas atividades em média a cinco anos, sendo que tem árbitros que praticam há vinte e cinco anos e árbitros que praticam há um ano.

Tabela 2. Características dos árbitros (n= 21)

Sujeito	Sexo	Idade	Escolaridade	Profissão	Tempo de prática
1	M	56	Ensino Superior	Professor	25 anos
2	M	44	Ensino Superior	Professor	21 anos
3	M	38	Pós-Graduação	Motorista	1 ano
4	M	32	Ensino Médio	Assistente Comercial	3 anos
5	M	-	Ensino Superior	Representante Comercial	14 anos
6	M	56	Ensino Médio	Aposentado	25 anos
7	M	29	Ensino Superior	Estudante	3 anos
8	M	28	Ensino Superior	Advogado	3 anos
9	M	39	Ensino Superior	Autônomo	10 anos
10	M	40	Ensino Superior	Gerente	15 anos
11	M	34	Ensino Médio	Mestre de Obra	5 anos
12	M	27	Ensino Médio	Assessor Parlamentar	2 anos

Na tabela 3 são observados que todos os árbitros assistentes são do sexo masculino, com idades entre 27 e 51 anos, as suas escolaridades ficam divididas entre ensino médio e ensino superior. As profissões do mesmo modo dos árbitros

são variadas. Quanto ao tempo da prática de arbitragem, percebe-se que a maioria dos árbitros assistentes realiza essas atividades em média há cinco anos, sendo que tem árbitros assistentes que praticam há vinte anos e árbitros assistentes que praticam há um ano.

Tabela 3. Características dos árbitros assistentes (n= 9)

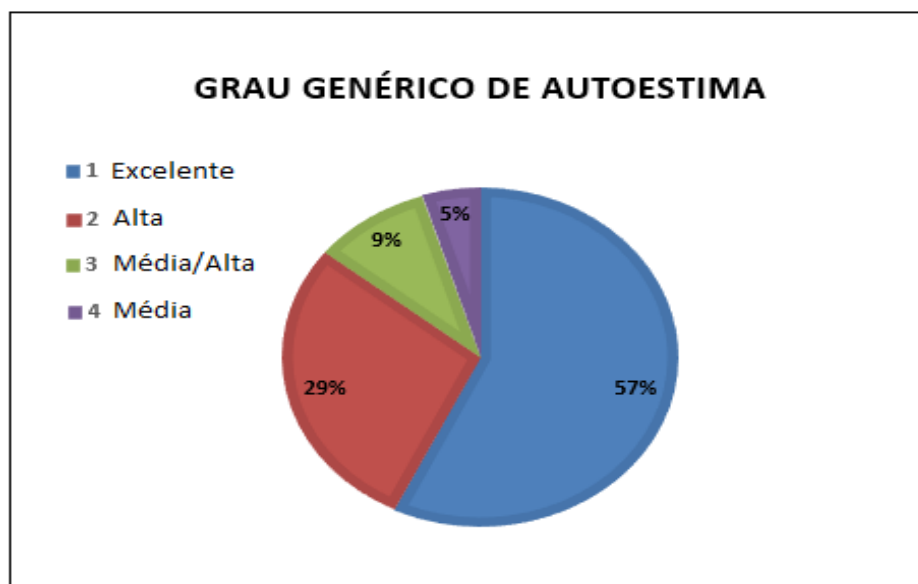
Sujeito	Sexo	Idade	Escolaridade	Profissão	Tempo de prática
1	M	41	Ensino Médio	Aux. Administrativo	14 anos
2	M	39	Ensino Superior	Técnico	20 anos
3	M	27	Ensino Superior	Estudante	3 anos
4	M	34	Ensino Médio	Analista de Compras	3 anos
5	M	51	Ensino Fundamental	Segurança	-
6	M	39	Ensino Médio	Motorista	1 ano
7	M	34	Ensino Médio	Executivo de Vendas	6 anos
8	M	-	-	-	-
9	M	34	Ensino Superior	Professor	1 ano

Na tabela 4 é possível verificar os pontos obtidos de cada sujeito com relação à autoestima. A partir da pontuação obtida por cada árbitro gerou-se a figura 1 com os percentis de cada grau genérico de autoestima, conforme tabela de Nunes; Shigunov (2002). Pode-se observar na figura 1 que, de forma geral os árbitros estão com a autoestima boa, sendo que 57% apresenta grau excelente, seguido de 29% com grau de autoestima alto, 9% e 5% com grau médio/alto e médio respectivamente. Os graus médio/baixo, baixo e péssimo não foram apresentados pelos sujeitos, o que indica uma boa autoestima dessa população.

Tabela 4. Tabulação numérica de autoestima

sujeitos	Item 1	Σ 1	Item 2	Σ 2	Item 3	Σ 3	Item 4	Σ 4	Item 5	Σ 5	Item 6	Σ 6	Σ Total
1	1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-6
2	-1	1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-6
3	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	1	1	-1	-1	-4
4	1	-1	-1	-1	1	-1	1	-1	1	1	-1	-1	0
5	-1	-1	-1	-1	-1	1	1	-1	-1	-1	1	1	-2
6	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-6
7	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-6
8	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	1	1	-1	-1	-4
9	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	1	-1	-6
10	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-6
11	-1	1	-1	-1	1	-1	1	-1	-1	-1	-1	-1	-4
12	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-6
13	-1	1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	1	1	-4
14	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-6
15	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-6
16	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-6
17	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	1	1	-1	-1	-4
18	-1	1	-1	-1	1	-1	1	-1	-1	-1	-1	-1	-2
19	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-6
20	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-6
21	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	-1	1	1	-4

Figura 1. Grau genérico de autoestima.

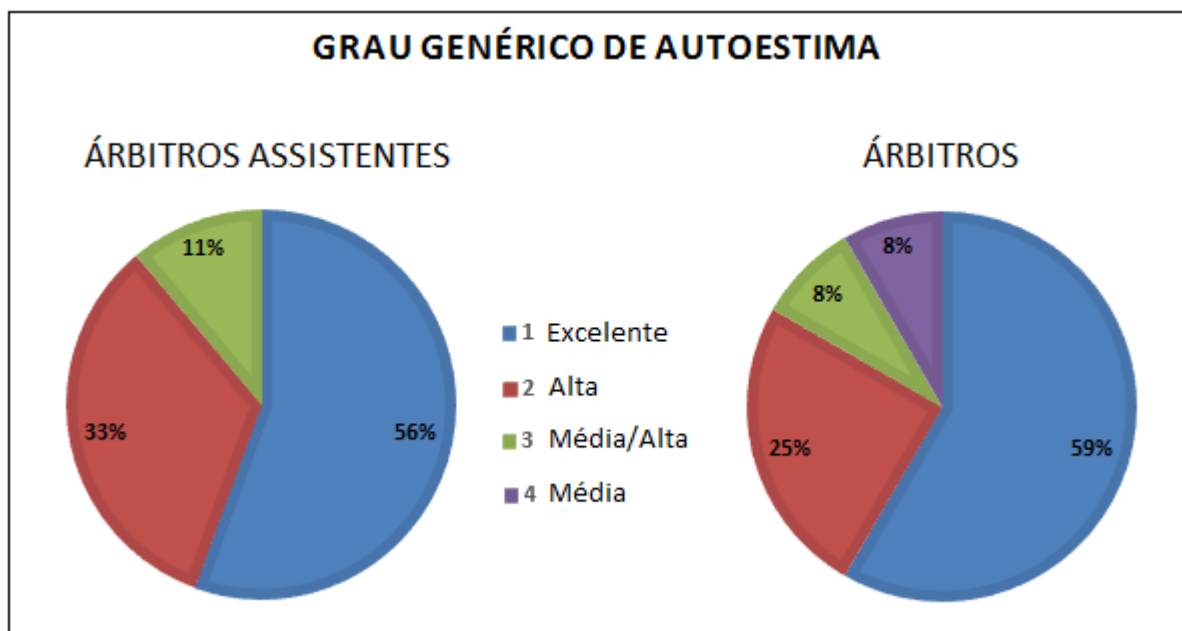


Conforme a figura 1 observa-se que a grande maioria dos sujeitos apresenta um grau excelente de autoestima. Semelhante resultado é observado no estudo de Nunes; Shignov (2002) onde se verifica um alto nível de autoestima dos árbitros e árbitros assistentes. Considerando as qualidades: ser consistente, criterioso em suas

decisões, paciente, ter controle emocional, ser resistente a pressões externas, ser coerente, ético e justo (ARAUJO, 1998) requisitadas para o bom desempenho da função. O presente estudo identificou que a autoestima pode contribuir para esse fim conforme citado por Nunes; Shignov (2002) quando em sua pesquisa com árbitros de futebol, afirma que “A função de arbitrar requer um nível de autoestima auto, diante das diversas e adversas situações que o mesmo necessita enfrentar”.

Na figura 2, observa-se que, de forma geral os árbitros e os árbitros assistentes não diferiram estatisticamente em relação ao grau de autoestima. É possível observar que tanto árbitros como árbitros assistentes possuem autoestima em grau excelente, seguido de grau alto.

Figura 2. Grau genérico de autoestima de árbitros assistentes e árbitros.



Conforme a figura 2 nota-se semelhanças no grau de autoestima dos árbitros e árbitros assistentes. Neste sentido, pode-se dizer que a função exercida por ambos necessita das mesmas qualidades para o bom desempenho, conforme descrito anteriormente.

Na tabela 5 está descrita a relação do tempo de prática com o grau genérico de autoestima. Percebe-se diferentes graus de auto estima dos árbitros nos diferentes tempos da prática, não sendo possível observar relação entre essas variáveis.

Tabela 5. Relação do tempo de prática com o grau de autoestima

Sujeitos	Tempo de prática	Grau de Autoestima
1	Não informado	Excelente
2	Não informado	Alta
3	1 ano	Alta
4	1 ano	Média/Alta
5	1 ano	Alta
6	10 anos	Excelente
7	14 anos	Alta
8	14 anos	Média/Alta
9	15 anos	Excelente
10	2 anos	Excelente
11	20 anos	Excelente
12	21 anos	Excelente
13	25 anos	Excelente
14	25 anos	Excelente
15	3 anos	Alta
16	3 anos	Excelente
17	3 anos	Média
18	3 anos	Excelente
19	3 anos	Excelente
20	5 anos	Alta
21	6 anos	Excelente

O tempo de prática médio dos árbitros e árbitros assistentes é de 9,2 anos, sendo que o que tem o menor tempo de prática exerce a atividade há um ano, enquanto o que exerce a atividade há mais tempo a faz há 25 anos. O que aparentemente significa que o tempo de prática não é um fator relevante para alterar o grau de autoestima dos árbitros e árbitros assistentes.

Na tabela 6 está descrita a relação da profissão dos árbitros e árbitros assistentes com o grau genérico de autoestima. Percebe-se diferentes graus de autoestima dos árbitros nos diferentes tipos de profissões, não sendo possível observar relação entre essas variáveis.

Tabela 6. Relação da profissão com o grau de estima.

(Continua)

Sujeitos	Profissão	Grau de Autoestima
1	Não informado	Excelente
2	Advogado	Alta
3	Analista de Compras	Excelente

Tabela 6. Relação da profissão com o grau de estima.

(Conclusão)

Sujeitos	Profissão	Grau de Autoestima
4	Aposentado	Excelente
5	Assessor Parlamentar	Excelente
6	Assistente Comercial	Média
7	Autônomo	Excelente
8	Aux. Administrativo	Alta
9	Estudante	Excelente
10	Estudante	Excelente
11	Executivo de Vendas	Excelente
12	Gerente	Excelente
13	Mestre de Obra	Alta
14	Motorista	Alta
15	Motorista	Média/Alta
16	Professor	Alta
17	Professor	Excelente
18	Professor	Excelente
19	Representante Comercial	Média/Alta
20	Segurança	Alta
21	Técnico	Excelente

A profissão dos árbitros e árbitros assistentes demonstra que essa categoria apresenta diferentes profissões formais, mostrando que a profissão de origem não é um fator relevante para alterar o grau de autoestima dos árbitros e árbitros assistentes. Conforme Velho; Fialho (2010) e Velho; Fialho; Ritter (2016) arbitragem não é profissão é apenas ocupação, sendo necessário que o árbitro tenha uma profissão de origem que lhe assegure o sustento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ficou evidenciado na pesquisa, através das respostas apresentadas pelos árbitros e árbitros assistentes que ambos possuem uma autoestima excelente e/ou alta, e que isso independe da profissão ou do tempo de prática. A auto estima é uma condição básica e imprescindível para a atuação deste profissional, tendo em vista situações comuns como influências externas por parte tanto dos consumidores do esporte (violência física e psicológica) como dos próprios organizadores (abusos psicológicos). Cita-se ainda as influências oriundas dos meios midiáticos que apresentam dúvidas sobre a atuação da arbitragem. As condições de trabalho no qual esse profissional é submetido também gera influências no grau de auto estima do arbitro, principalmente em locais, que em sua maioria não apresentam estrutura adequada para a equipe de arbitragem.

Tendo em vistas as questões apresentadas neste estudo, surge a necessidade de se pensar na profissionalização do árbitro como ocorre na Inglaterra. Desta forma, o árbitro de futebol pode se dedicar total e exclusivamente para a função, e assim ter mais tempo para a preparação física, técnica (domínio das regras) e psicológica. Com essas questões asseguradas a ele, a autoestima deste profissional não será empecilho para o bom desempenho da função.

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, D. **Manual do arbitro**. Lisboa: CEFD, 1998.
- BARROS, J. M. **A Futebol porque foi...porque não é mais**. Rio de Janeiro: Sprint, 1990.
- BRANDEN, B. **Auto estima e os seus seis pilares**. 5 ed. São Paulo: Saraiva, 2000.
- Capela, P. **O futebol brasileiro como conteúdo da educação física brasileira**. Florianópolis, 1996.
- COOPERSMITH, S. (1989). **Coopersmith Self-esteem Inventory**. Palo Alto: Consulting Psychologists Press.
- DELFIN, T. F.; DE JESUS, V. L. B. O problema da simultaneidade na lei do impedimento do futebol. **Revista Brasileira de Ensino de Física**, [S.l.], v. 33, n. 4, p. 4308, 2011.
- EMEDÊ. **Loucuras do futebol 288 histórias reais... e absurdas**. Panda, São Paulo 2003.
- FEDERAÇÃO CATARINENSE DE FUTEBOL – FCF. **Dia Nacional do Futebol**. Julho, 2016.
- FRANCISCON, M. **Futebol, regras e legislação**. 13 ed. São Paulo: Prol, 1999.
- FRANKLIN, F. **Como o futebol explica o mundo**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2005.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- GREENBERGER, E., CHUANSHENG, C., DMITRIEVA, J. & FARRUGGIA, S. (2003). Item-wording and the dimensionality of the Rosenberg Self-Esteem Scale: do they matter? **Personality and Individual Differences**, 35, 1241–1254.
- HUTZ, C. (2000). **Adaptação brasileira da Escala de Autoestima de Rosenberg**. Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Mimeo.
- LEVINE, Roberto M. Esporte e sociedade: o caso do futebol brasileiro. In. **Futebol e cultura: coletânea de estudos**. Org. MEIHY, José C.S.B. et al., São Paulo: **Imprensa Oficial: Arquivo do Estado**, p.21-44, 1982
- LIMA, T. **Fora o Árbitro**. Lisboa: Sarl, 1982.
- Livro de Regras de Futebol 2014 – 2015**.
- MONTIEL, A. **A arbitragem e o futebol profissional**. Lisboa: Horizonte, 1998.
- MORRIS, Desmond. **A tribo do futebol**. Lisboa: Europam, 1981.

- MOSQUERA, J. J. M. **Vida adulta: personalidade e desenvolvimento**. Porto Alegre: Sulina, 1978.
- NAZARENO, A. **Fundamentos de arbitragem de futebol**. Porto Alegre: Sulina, 1997.
- RAMOS, J. Autoconfiança. In: SECRETARIA DE ESTADO DO DESPORTO. **Manual do árbitro: centro de estudos e formação desportiva**, Lisboa, 1998.
- NUNES, R.; SHIGUNOV, V. Auto-estima do árbitro de futebol profissional do estado de Santa Catarina. **Journal of Physical Education**, Maringá, v. 13, n. 2, p. 71-79, 2002.
- ROSENBERG, M. (1965). Society and the adolescent self-image. **Princeton**: Princeton University Press.
- SABBI, D. **Sinto, logo existo**. Porto Alegre: Alcance, 1999.
- TRZESNIEWSKI, K., DONNELLAN, M. & ROBINS, R. (2003). Stability of self-esteem across the life span. **Journal of Personality and Social Psychology**, 84, 205–220.
- VELHO, N.M.; FIALHO, F.A.P.; **Gestão Por Competência Na Construção De Um Modelo De Formação Para Árbitros De Futebol**. TESE, 157p. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro Tecnológico. Programa de pós graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento. 2010.
- VELHO, N.M.; FIALHO, F.A.P.; RITTER, C.D.M.; **Gestão de Carreiras de Arbitro de futebol. 7º Congresso Brasileiro de Gestão do Esporte - 2º Conferência Internacional de Gestão do Esporte**. Palhoça, 2016.
- VIEIRA, C.M.A.; COSTA, E.C.; AOKI, M.S., O Nível De Aptidão Física Afeta O Desempenho Do Arbitro De Futebol?. **Revista brasileira de Educação física e Esportes**, v.24, n.4, p.445-452, São Paulo, 2010.
- VOLI, F. **A auto-estima do professor**. Madrid: Editorial y Distribuidora, 1998.

ANEXO A –ESCALA DE AUTOESTIMA DE ROSEMBERG

ESCALA DE AUTOESTIMA DE ROSEMBERG

Abaixo temos algumas questões que tratam da sua percepção sobre você mesmo. Leia cada item com atenção e, por favor, marque com um “X” na opção mais adequada.

<p>1. Eu sinto que sou uma pessoa de valor, no mínimo, tanto quanto as outras pessoas.</p> <p>Concordo plenamente () Concordo () Discordo () Discordo totalmente ()</p>
<p>2. No conjunto, eu estou satisfeito comigo.</p> <p>Concordo plenamente () Concordo () Discordo () Discordo totalmente ()</p>
<p>3. Às vezes eu me sinto inútil.</p> <p>Concordo plenamente () Concordo () Discordo () Discordo totalmente ()</p>
<p>4. Eu acho que eu tenho várias boas qualidades.</p> <p>Concordo plenamente () Concordo () Discordo () Discordo totalmente ()</p>
<p>5. Eu acho que sou capaz de fazer as coisas tão bem quanto a maioria das pessoas.</p> <p>Concordo plenamente () Concordo () Discordo () Discordo totalmente ()</p>
<p>6. Eu acho que eu não tenho muito do que me orgulhar.</p> <p>Concordo plenamente () Concordo () Discordo () Discordo totalmente ()</p>
<p>7. Às vezes eu acho que eu não presto para nada.</p> <p>Concordo plenamente () Concordo () Discordo () Discordo totalmente ()</p>
<p>8. Eu gostaria de poder ter mais respeito por mim mesmo.</p> <p>Concordo plenamente () Concordo () Discordo () Discordo totalmente ()</p>
<p>9. Eu tenho uma atitude positiva com relação a mim mesmo.</p> <p>Concordo plenamente () Concordo () Discordo () Discordo totalmente ()</p>
<p>10. Levando tudo em conta, eu penso que eu sou um fracasso.</p> <p>Concordo plenamente () Concordo () Discordo () Discordo totalmente ()</p>

ANEXO B – TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TÍTULO DO PROJETO: ARBITRAGEM NO FUTEBOL

Você está sendo convidado a participar de um estudo que tem por objetivo entender como se dá o nível de autoestima dos árbitros e árbitros assistentes de futebol que compõe o quadro da LIFF no ano de 2016. Para participar deste estudo você terá que preencher o instrumento Escala de autoconhecimento de Rosenberg (1973), adequada por Mosquera (1974). Possui dez itens, sendo seis referentes a uma visão positiva de si mesmo e quatro referentes a uma visão autodepreciativa. As opções de resposta são “discordo”, “nem concordo, nem discordo” e “concordo”. O preenchimento do questionário tem duração média de 5 minutos e será realizado nos dias e locais previamente definidos e agendados com os sujeitos da pesquisa, com a presença do pesquisador sanando possíveis dúvidas. Você tem a livre escolha de participar desta pesquisa, podendo sentir-se à vontade caso queira retirar-se. Lembramos que está garantindo desde já o sigilo dos dados e sua identidade, pois o preenchimento será anônimo e confidencial. Os instrumentos e folhas de resultados serão identificados por números. Solicitamos sua autorização para o uso de seus dados para a produção de artigos técnicos e científicos. A sua privacidade será mantida através da não identificação do seu nome.

Agradecemos a vossa participação e colaboração.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro que fui informado sobre todos os procedimentos da pesquisa e, que recebi de forma clara e objetiva todas as explicações pertinentes ao projeto e, que todos os dados a meu respeito serão sigilosos. Eu compreendo que neste estudo, as medições dos experimentos/procedimentos de tratamento serão feitas em mim.

Declaro que fui informado que posso me retirar do estudo a qualquer momento.

Nome por extenso _____.

Assinatura _____, ____/____/____.

ANEXO C – ANÁLISE DO INSTRUMENTO (ESCALA DE AUTOESTIMA)

Item 1

1- Eu sinto que sou uma pessoa de valor, no mínimo, tanto quanto as outras pessoas.

Concordo plenamente () Concordo () **Discordo (x) Discordo totalmente (x)**

2- Eu acho que eu tenho várias boas qualidades.

Concordo plenamente () Concordo () **Discordo (x) Discordo totalmente (x)**

3- Levando tudo em conta, eu penso que eu sou um fracasso.

Concordo plenamente (x) Concordo (x) Discordo () Discordo totalmente ()

Item 2

4- Eu acho que sou capaz de fazer as coisas tão bem quanto a maioria das pessoas.

Concordo plenamente () Concordo () **Discordo (x) Discordo totalmente (x)**

5- Eu acho que eu não tenho muito do que me orgulhar.

Concordo plenamente (x) Concordo (x) Discordo () Discordo totalmente ()

Item 3

6- Eu tenho uma atitude positiva com relação a mim mesmo.

Concordo plenamente () Concordo () **Discordo (x) Discordo totalmente (x)**

Item 4

7- No conjunto, eu estou satisfeito comigo.

Concordo plenamente () Concordo () **Discordo (x) Discordo totalmente (x)**

Item 5

8- Eu gostaria de poder ter mais respeito por mim mesmo.

Concordo plenamente (x) Concordo (x) Discordo () Discordo totalmente ()

Item 6

9- Às vezes eu acho que eu não presto para nada.

Concordo plenamente (x) Concordo (x) Discordo () Discordo totalmente ()

10- Às vezes eu me sinto inútil.

Concordo plenamente (x) Concordo (x) Discordo () Discordo totalmente ()

As respostas em **negrito** referem-se a auto estima baixa, e pontuam positivamente (+);

As respostas em não negrito, referem-se a auto estima alta e pontuam negativamente (-).